



Vê *O Que Diz Molero* como um romance ou como um registo das suas memórias de infância?

Na altura, apesar de ter tido a tentação de o alargar às fronteiras do discurso universal, não sabia que estava a fazer um texto um pouco memorialista. Tinha saúde, força e vontade de dizer, mas estava sobretudo a descobrir em mim a energia da palavra. Saiu-me assim. E só mais tarde me apercebi que tinha feito um levantamento de um sítio e de um tempo que foi o meu, que estava a revelar a infância, a juventude e a minha gente. Hoje, vejo-o como uma imagem esbatida, com uma certa *patine*, onde eu já não estou. Hoje, já o vejo como um livro que correspondeu a um tempo meu, mas que já não é o de agora.

Estava a escrever o romance que sempre quis fazer?

Desde miúdo que queria fazer qualquer coisa de diferente (toda a gente tem um pouco esta mania). Queria ser um bom jogador de futebol, um bom actor, um bom realizador de cinema e, principalmente, queria escrever um livro, pois tinha uma grande admiração pela nobreza do trabalho do escritor. Mas não queria fazer um livro qualquer, que entrasse na ordem geral das coisas. Queria fazer... o meu livro.

Quem foram os primeiros leitores de *O Que Diz Molero*?

Descobri que queria ser o primeiro leitor a surpreender-se com aquilo que eu próprio escrevia. Depois, além da Marília, a minha mulher, foram os meus amigos de infância, aos quais li o livro em voz alta. Eles ficaram encantados e só me perguntavam como é que tinha conseguido passar a atmosfera do nosso sítio, da nossa gente. Não havia correlação directa com as personagens, mas eles

«SÓ QUIS ESCREVER UM LIVRO»

Mas, ainda assim, escreveu mais uns tantos, antes e depois de *O Que Diz Molero*, obra capital da literatura portuguesa do século XX. «Vivi bem o tempo que passou, não o podia ter vivido melhor e fiz quase sempre o que queria», afirma Dinis Machado nesta entrevista conduzida por Sara Belo Luís para a LER (Outono de 2002). Os excertos escolhidos, assim como o soneto inédito que publicamos, relevam algo mais sobre o autor que desapareceu a 3 de Outubro. Por isso, as suas palavras são a nossa melhor homenagem.



«Contava-te – sei lá! – desta rotina de embalarmos a morte nas paredes, de tecermos o destino nas valetas»

1930-2008

DINIS MACHADO

reviram-se na história. Levei-o, então, à Bertrand, à Piedade Ferreira, um bocado a medo, porque o livro era muito anticonvencional, podia ferir susceptibilidades. O Luiz Pacheco foi a primeira autoridade literária a lê-lo. Ele viu as provas tipográficas e perguntou: «O quê, o gajo do *Tintin* também escreve livros?» Ficou muito entusiasmado e, dias depois, escreveu um artigo no *Diário Popular*. Foi aqui que tudo começou.

O livro podia tornar-se incómodo, de facto. Que organização era aquela?

Toda a gente queria que eu dissesse quem era a organização, mas julgo que um dos encantos do livro reside justamente no facto de não se saber quem são aqueles gajos... Tanto podia ser o KGB, a CIA, a PIDE ou a Gestapo. Ou então uma organização muito mais nebulosa, um poder oculto que requer serviços para procurar alguém que é escolhido pelo sistema, como n' *O Processo*. O texto tem qualquer coisa de orwelliano, mas Molero tem a particularidade de participar no jogo e, ao mesmo tempo, de o desfazer.

O êxito de *O Que Diz Molero* sufocou-o?

Quem escreve um livro quer ter aceitação. O problema é que eu, que não tinha nenhuma relação

com as zonas literárias propriamente ditas, tive mais do que uma simples aceitação. Houve uma espécie de rebentamento, de explosão, que me deixou de facto um pouco atordoado. Fiquei *off-side*, sem perceber bem o que se estava a passar. Diziam-me que o livro trazia uma grande liberdade de escrita e um novo processo de linguagem, queriam que continuasse a escrever Moleros... Mas eu não queria repetir-me. Depois, com a morte da minha mulher, fiquei muito sozinho na vida. Fiquei sem sítio. Lembro-me daqueles dias tremendos, em casa, sem ninguém, até que saí para uma história que não tinha a certeza de querer fazer. No *Discurso de Alfredo Marceneiro a Gabriel García Márquez* há uma espécie de drama, de sofrimento, de fusão de elementos surreais com uma carga patética. Acho que andava à procura de um género onde conseguisse incluir isso tudo. *Com Reduto quase Final*, um testemunho da minha passagem pela vida, fiz o ajuste de contas.

Isso já foi em 1989 e, antes de *O Que Diz Molero*, também já tinha escrito três livros policiais.

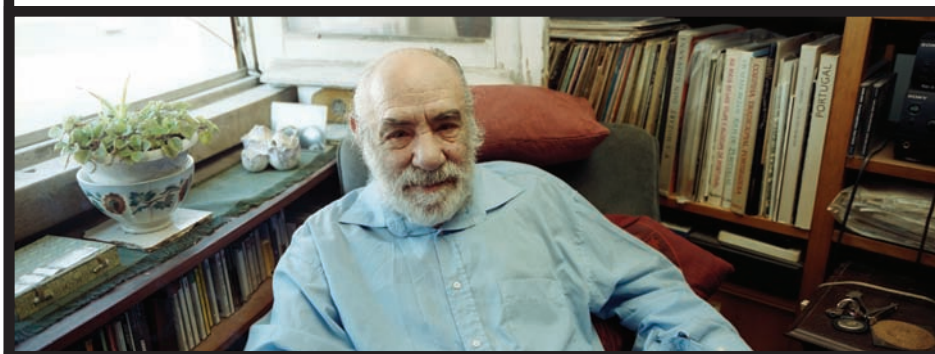
A explicação para isso está na história dos caminhos cruzados. Antes de *O Que Diz Molero*, escrevi três romances policiais porque precisei de

dinheiro. Estava a trabalhar na Íbis e, quando pedi 20 contos emprestados, propuseram-me fazer três livros num ano. Para assinar o contrato, arranjei um pseudónimo americano (tinha que ser). **Apesar de todos esses livros, há quem lhe chame um escritor-de-um-livro-só. Gosta da designação?**

As pessoas têm o direito de julgar o que quiserem. Acho que gostam de pensar em mim como um escritor-de-um-livro-só porque esse livro tem uma carga pessoal enorme e também porque o seu êxito me criou essa auréola mais ou menos falsa de que sou um escritor de uma única obra. O que é facto é que isso combina comigo – só quis escrever um livro. À maneira de Borges, a minha ideia era que todos os livros se podem condensar num só, uma espécie de última triagem, sabedoria sucinta das coisas. Os anteriores são, pois, livros de arranque, e os posteriores são arrancados a ferros. Já não estava diante da folha de papel com aquela vontade de descobrir o texto, como tive com *O Que Diz Molero*.

Tem muita coisa na gaveta?

Não, porque sou um desistente daquilo que não acabo. Não sou um escritor – se é que sou um escritor... – teimoso. Cada livro tem o seu tempo de trabalho e, enquanto não chega a exaustão, escrevo, mas, quando o largo, posso estar muito tempo sem pensar nele. Acho que já não vou escrever mais nenhum, porque me falta saúde. E o livro puxa muito por mim – fumo mais, fico mais doente. Não sei o que isto significa, mas eu escrevo com o corpo. De resto, nem sei bem como hei-de situar os meus vários tempos de escrita, penso que são áreas separadas – os policiais correspondem a um período de gozo (deu-me muito prazer o lado



falsificado e a questão de pôr no terreno um certo número de manias). *O Que Diz Molero* foi um pouco a agarrar o texto pelo pescoço, e os outros já foram quase laboratoriais.

Porque é que nunca quis ter aquilo a que habitualmente se chama uma carreira literária?

Fazer livros? Estou quase sempre em afrontamento com o que deve ser feito... Era necessária uma obediência a um certo número de regras, uma certa capacidade de sacrifício. E eu gosto de viver. Para escrever a vida, o escritor quase que não a vive. Além do mais, quem é o escritor? Os que não chegaram a ser publicados (alguns deles, porventura, interessantes)? Ou o que se caucionou sem o ter merecido? Vêm dos tempos grandes monstros sagrados que devo ler? A institucionalização da literatura é algo de muito estranho. Porque o texto não é para ser instituído, o texto é para revelar.

Nunca pertenceu a correntes literárias.

Não, nunca pertenci. Li os surrealistas, os neo-realistas, os poetas parnasianos... O que me interessava era encontrar uma linguagem própria que também é feita de acasos, que também é feita de questões de sorte e azar nas palavras.

António Lobo Antunes é um dos seus poucos amigos que, simultaneamente, é seu colega de ofício. Como foi esse encontro?

Uma vez, ele disse que gostava de me conhecer e, quando saiu de *Memória de Elefante*, fui ao lançamento do livro. A partir daí, passámos a jantar todas as quartas-feiras. Depois, a seguir à morte da minha Marília, ele foi muito importante para mim. Eu isolava-me, estava sempre muito triste, era má companhia. Ele foi buscar-me e levou-me para sua casa. Saíamos com o Cardoso Pires e com o Artur Semedo, íamos comer aqui ou ali, falávamos de literatura e de futebol. Ainda andei nisto uns meses, mas a vida muda e, por vezes, as pessoas afastam-se.

Quando é que começou a ler a banda-desenhada que o há-de acompanhar, depois, em várias alturas ao longo da vida?

Quando era pequenino, vendiam-se nos passeios o *Flash Gordon*, o *Mandrake*, a revista do *Fantasma*. Depois, quando comecei a crescer, deixei de ligar à banda-desenhada. Só lhe voltei a pegar mais tarde, por razões de ordem profissional, porque não estava nada previsto que o voltasse a fazer. Quando o *Diário Ilustrado* fechou, fui organizar os festivais de cinema da Casa da Imprensa, uma coisa que me deu uma trabalhadeira imensa por causa da Censura. Um dia, telefona-me o Roussado Pinto a perguntar se eu queria ir trabalhar com ele. Fui para a Íbis, que era um mastodonte de coisas incríveis, subprodutos que vinham de Espanha, anedotas, colari-



AS PRIMEIRAS EDIÇÕES DE DINIS MACHADO

Mão Direita do Diabo, Íbis, colecção «Riffi», 1967 [Dennis McShade]

Requiem para Dom Quixote, Íbis, colecção «Riffi», 1967 [Dennis McShade]

Mulher e Arma com Guitarra Espanhola, Íbis, colecção «Riffi», 1968 [Dennis McShade]

O Que Diz Molero, Bertrand, 1977

Discurso de Alfredo Marceneiro a Gabriel García Márquez, Bertrand, 1984

Reduto quase Final, Bertrand, 1989

Gráfico de Vendas com Orquídea, Cotovia, 1999

nhos de beatos, *Kansas City*... O *Tintin* surgiu porque ele, além de querer ocupar as máquinas, também queria uma revista de banda-desenhada. Quando a Íbis faliu, continuei a fazer a revista para a Bertrand.

Muitas das suas referências literárias vêm dos tempos em que se alugavam livros nos alfarrabistas. O que lia na Barateira?

Formávamos uma espécie de grupo de culto que lia a poesia portuguesa toda (sempre gostei mais dos poetas portugueses do que dos prosadores). Acho até que muito d'*O Que Diz Molero*, para além de ter a ver com a banda-desenhada e com o cinema, tem a ver com a carga poética que tirei das centenas de poemas que decorei. Às duas da manhã, depois do cinema, íamos para o largo dizer versos. Também gostávamos de alguns prosadores, quase nenhum deles português... Andávamos armados em franceses e em americanos. Às vezes, no meio daquelas prateleiras, até descobríamos livros de agronomia e de gastronomia. Vamos levar o *Pantagruel*! Li coisas esquisitíssimas.

Era uma espécie de escola paralela?

Claro que sim. Nós andávamos no Fernando Pessoa e no Mário de Sá-Carneiro, e eles, na escola, na instituição, ainda andavam a dar o Augusto Gil e o Gonçalves Crespo. Falavam-me no Guerra Junqueiro e eu fazia-lhes um discurso moderno, fora do *statu quo* e da pauta do autor catalogado. A minha escola paralela era infinita, comparada com a escola da escola.

Alguém lhe orientava as leituras?

Ninguém. Era apenas o prazer de descobrir livros. Andávamos em dia com a poesia, acompanháva-

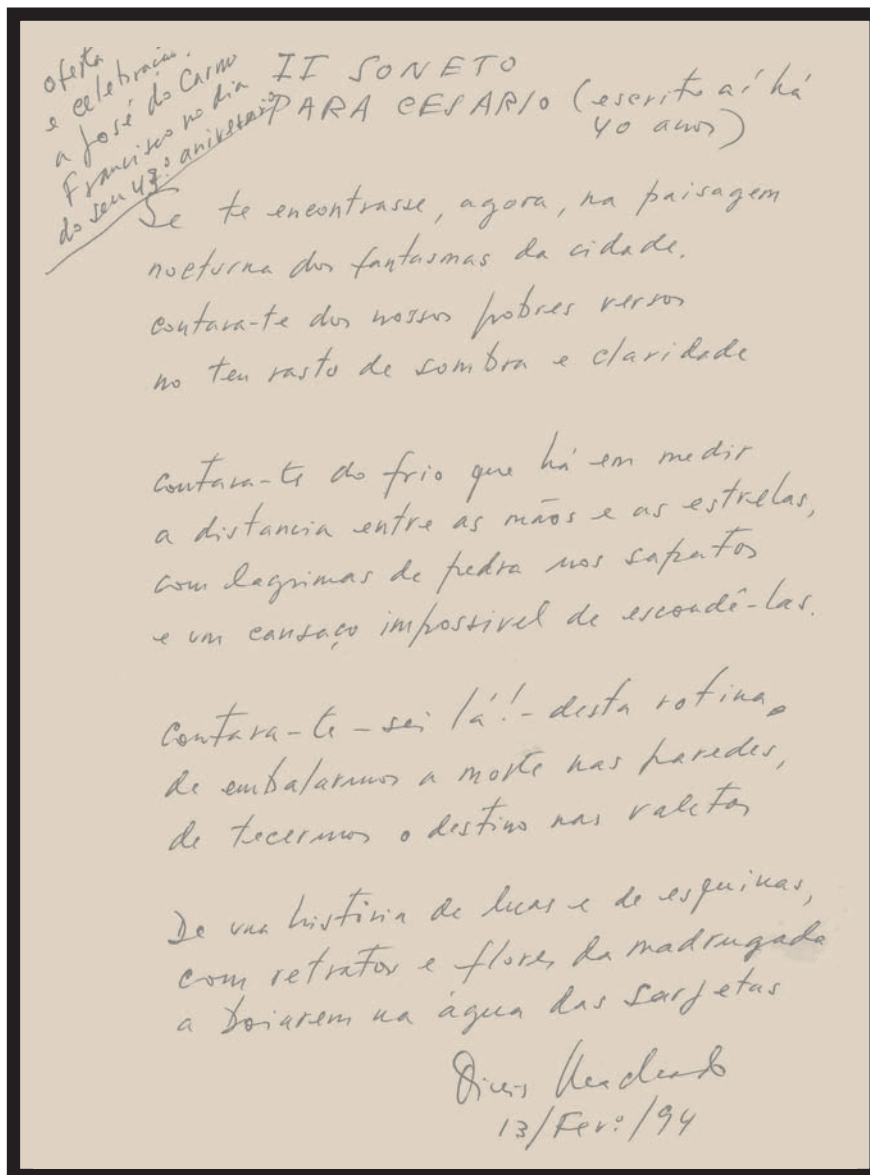
mos o Gaspar Simões e as páginas dos jornais. Líamos os brasileiros, até chegar à conclusão que o que eles faziam era copiar os americanos e, assim, apanhávamos os *Caldwells* e os *Faulkners*. Tínhamos a curiosidade e o ouvido atento. Estávamos sempre com as antenas ligadas. Alguém, na Brasileira, escutava o Ramada Curto falar num autor e ia logo dizer à malta da mesa do café.

Em termos de livros, qual é que foi para si a maior revelação?

Deixei imensos livros a meio – *Guerra e Paz*, que era chiquíssimo, Shakespeare, que não me agradava muito... A maior revelação, para mim, talvez tenha sido *Dom Quixote*, na tradução de Aquilino Ribeiro (foi daí que tirei a ideia de o ler em castelhano...). Adorávamos os livros de capa e espada de Alexandre Dumas, d'*As Aventuras de Tartarin de Tarascon*, que eram em folhetins. E do Júlio Verne, lido em catadupa. Tive também algumas surpresas: *A Queda*, que apanhei por acaso, *A Viagem ao Fim da Noite*, porque gostei do título. E os americanos, claro: Saroyan, Fitzgerald e muito Steinbeck (houve uma altura que tivemos mesmo uma fúria Steinbeck).

Que viagens é que fez?

Não fiz quase viagens nenhuma. E as que fiz foram quase sempre relacionadas com o futebol. Fui uma vez a Londres, enquanto estava no *Diário Ilustrado*, cobrir um jogo entre as seleções militares de Portugal e Inglaterra. Também fui a Madrid, por causa de um Sporting-León, a Munique e a Barcelona, uma cidade fulgurante de cuja força me admirei. Mas eu sou sedentário, não gosto de viajar. As minhas viagens são todas como



II Soneto para Cesário (escrito aí há 40 anos)

Se te encontrasse, agora, na paisagem
nocturna dos fantasmas da cidade,
contava-te dos nossos pobres versos
no teu rasto de sombra e claridade

Contava-te do frio que há em medir
a distância entre as mãos e as estrelas,
com lágrimas de pedra nos sapatos
e um cansaço impossível de escondê-las

Contava-te - sei lá! - desta rotina
de embalarmos a morte nas paredes,
de tecermos o destino nas valetas

De uma história de luas e de esquinas,
com retratos e flores da madrugada
a boiarem na água das sarjetas.

Dinis Machado,
13 de Fevereiro de 1994

Soneto oferecido a José do Carmo Francisco
por ocasião do seu 47º aniversário

as de Céline, pela imaginação. Além disso, não preciso de ir aos sítios: tenho fotografias, relatos, romances, filmes, mapas... Tenho noção de como as coisas são, onde são e como funcionam. Sei, por exemplo, as ruas de Nova Iorque porque tenho a memória do cinema de Raoul Walsh e de Howard Hawks. Claro que, como os espólios não são completos, apenas percebo o que é possível perceber. Mas, afinal, tudo na vida é um bocado arbitrário e ninguém pode ter a biblioteca total para saber tudo. Uma vez, perguntaram a Borges sobre a sua tarefa com a literatura. «A minha

tarefa», disse ele, «não seria particularmente difícil, bastar-me-ia ser imortal para a realizar.»

Prefere guardar essa memória mediada dos lugares?

Acho que sim. De qualquer modo, também já não vou ao cinema. Nos últimos 20 anos, só ia ao Quarteto, com o livre-trânsito que o Pedro Bandeira Freire me arranjava. Quando ele saiu de lá, deixei de ir. E não me custou nada. Sou capaz de viver com uma preguiça quase permanente. Tenho a qualidade de ser capaz de estar, sem fazer nada, a fumar e a beber café, a ler um livro

antigo que me apetece reler. Falo com a Rita [a filha], falo com a Dulce [Dulce Cabrita, a mulher] e já me chega. É a minha vida - e assim vai ser até ao final.

«A época não era melhor, nós é que tínhamos juventude.» Esta frase de *Reduto quase Final* não pode vir de um nostálgico, porque estes acham sempre que o passado era glorioso em si mesmo.

Não sou, de facto, um nostálgico. Vivi bem o tempo que passou, não o podia ter vivido melhor e fiz quase sempre o que queria. ■